

## **Reflexões sobre gênero e raça na pesquisa científica: Desafios e caminhos para a inclusão**

**Thiago Eduardo de França**  
UEL – PR

**Renato Pereira Neto**  
UEL – PR

**Renata Perfeito Ribeiro**  
UEL – PR

### **RESUMO**

A pesquisa científica deve ser inclusiva e refletir a diversidade de gênero e raça para promover equidade e justiça. A sub-representação de mulheres e minorias raciais, associada a preconceitos implícitos, compromete a qualidade e a integridade da ciência. É essencial adotar políticas de inclusão, promover a conscientização e garantir oportunidades equitativas para avançar no conhecimento científico e construir uma ciência verdadeiramente representativa e justa.

**Palavras-chave:** Fatores raciais, Gênero, Ciência.

### **1 INTRODUÇÃO**

A pesquisa científica é um dos pilares primordiais para o avanço do conhecimento e o progresso da sociedade. No entanto, é vital que essa atividade seja desenvolvida de forma inclusiva e consciente, considerando a diversidade de gênero e raça. A ciência, como uma instituição social, deve refletir e abordar as questões de desigualdade presentes em nossa sociedade, buscando promover a equidade e a justiça científica. No âmbito das discussões sobre gênero e raça na pesquisa científica, um ponto crucial a ser abordado é a sub-representação das mulheres e das pessoas pertencentes a grupos raciais minoritários. Estudos recentes têm destacado as disparidades existentes no acesso, na oportunidade e no reconhecimento de carreira para esses grupos, evidenciando a presença de preconceitos e discriminações implícitas nas práticas científicas (Fernades, 2022; Lopes, 2023). Nesse contexto, o presente estudo tem como objetivo refletir sobre gênero e raça na pesquisa científica.

### **2 MATERIAIS E MÉTODOS**

Ensaio teórico-reflexivo. Estudos reflexivos podem mudar a percepção inicial de uma situação, gerando novas ideias e revelando temas para análise e resolução de problemas.



### 3 RESULTADOS

A escassa quantidade de estudos que abordam de forma interseccional raça e gênero, combinando-os com outros aspectos sociais, como idade e orientação sexual, destaca a lacuna na análise das vivências das mulheres negras e indígenas. Isso reforça a percepção de que, no contexto brasileiro, as disparidades raciais ainda não recebem a devida atenção. (Barbosa; Jesus; Souza, 2021) De acordo com dados recentes da Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura (UNESCO), 30% dos pesquisadores do mundo são mulheres. Essa discrepância é mais acentuada quando observa-se a representatividade de mulheres em posições de liderança e gestão, como professoras universitárias e diretoras de laboratórios. Além disso, a presença de mulheres em áreas consideradas "tradicionais" ou "masculinas" da ciência, como física e engenharia, ainda é limitada (Lopes, 2023; UNESCO, 2018).

A ciência é um empreendimento que se baseia na acumulação do conhecimento, e seu histórico, marcado pela exclusão das mulheres, ainda tem um impacto significativo na atualidade. Mesmo após anos de exclusão, as mulheres ainda enfrentam inúmeros obstáculos para sua completa inclusão e reconhecimento na comunidade científica. Isso, por conseguinte, resulta na rejeição de características tradicionalmente associadas ao feminino (Freitas; Souza, 2021).

No entanto, simplesmente aumentar o número de mulheres na ciência não é suficiente, pois a desigualdade numérica das mulheres nesse campo representa apenas um sintoma de um problema mais profundo: os preconceitos de gênero. Frequentemente, esses preconceitos não são apenas ignorados, mas negados. Na verdade, as barreiras implícitas que as mulheres enfrentam são muitas vezes mais difíceis de superar do que as barreiras explícitas (Freitas; Souza, 2021).

Uma dessas barreiras implícitas envolve a disseminação de estereótipos de gênero e a subordinação das características consideradas femininas. Isso resulta na associação do trabalho científico com o masculino, enquanto características tidas como femininas são relegadas a uma posição inferior. Historicamente, o empreendimento científico tem sido vinculado à masculinidade, com atributos como a racionalidade sendo considerados essenciais para a prática científica. Por outro lado, a ciência tem sido tradicionalmente retratada como uma atividade neutra, objetiva e desprovida de valores ou emoções. Essa percepção contribui para a desvalorização das características associadas ao feminino no contexto científico (Freitas; Souza, 2021).

Ao reconhecer plenamente a presença constante do gênero na ciência, é imperativo direcionar a atenção para outro aspecto frequentemente subestimado nas pesquisas que abordam as dinâmicas de gênero no campo científico: a interseção entre gênero e raça/etnia.

No que diz respeito à raça, a desigualdade também é perceptível. Pesquisas demonstram que pessoas pertencentes a grupos raciais minoritários enfrentam barreiras significativas no acesso a oportunidades de pesquisa, financiamento e publicação. O periódico científico *Nature*, em edição especial, trouxe discussões



sobre o racismo na ciência e reconheceu ter contribuído para a criação desse legado racista (Nobles *et. al.*, 2022).

A *Nature* reconheceu que ao longo de séculos, a ciência construiu um legado de exclusão sistemática de pessoas negras e outros grupos historicamente marginalizados do fazer científico. Nesse processo, instituições e cientistas utilizaram a pesquisa para sustentar o pensamento discriminatório, priorizando resultados de estudos que ignoravam e prejudicavam ainda mais as pessoas marginalizadas. Este reconhecimento destaca a importância de enfrentar esses desafios, promovendo uma ciência inclusiva e equitativa, onde todas as vozes e perspectivas sejam respeitadas e representadas de forma justa (Nobles *et. al.*, 2022).

Essas disparidades de gênero e raça na pesquisa científica não apenas prejudicam os indivíduos afetados, mas também comprometem a qualidade e a integridade da própria ciência. A pesquisa científica direcionada às relações étnico-raciais assume um papel fundamental na luta contra o epistemicídio, bem como nas questões de gênero, destacando a importância da perspectiva feminina como uma ferramenta de resistência. Essa pesquisa desempenha um papel crucial na preservação das culturas e ancestralidades, impedindo que sejam apagadas ou tornadas invisíveis devido a uma construção social sexista. (Barbosa; Jesus; Souza, 2021).

As pesquisas conduzidas por mulheres desempenham um papel central na emancipação de seus corpos, abordando questões de gênero na educação, pesquisa e academia de forma abrangente. Além disso, essas pesquisas representam um ato de insurgência contra uma estrutura social eurocêntrica que historicamente silenciou as vozes femininas, uma estrutura cujo poder é mantido pelo patriarcado. Essas dinâmicas são evidenciadas em ambas as dissertações (Barbosa; Jesus; Souza, 2021).

A diversidade de perspectivas e experiências é essencial para o avanço do conhecimento, uma vez que diferentes visões e abordagens podem gerar *insights* inovadores e soluções mais abrangentes para os desafios enfrentados pela humanidade.

Para tanto, é fundamental a implementação de ações concretas para promover a igualdade de gênero e raça na pesquisa científica, com a adoção de programas de políticas de inclusão nas instituições acadêmicas e de pesquisa, como a contratação e promoção de pesquisadores até a distribuição equitativa de recursos e financiamento. É importante também investir em programas de mentorias e apoio para mulheres e pessoas pertencentes a grupos raciais minoritários, fornecendo-lhes oportunidades de desenvolvimento de carreira e visibilidade.

Além disso, a conscientização e a sensibilização sobre essas questões devem ser promovidas entre a comunidade científica como um todo. A educação e a formação acadêmica devem incorporar uma abordagem interseccional, reconhecendo as interconexões entre gênero e raça. Debates e diálogos abertos sobre diversidade e inclusão devem ser estimulados, buscando desconstruir estereótipos e preconceitos.



Distribuir recursos de pesquisa de forma igualitária é um desafio complexo, mas algumas estratégias podem ser adotadas para promover maior igualdade de oportunidades: investimento em políticas educacionais que garantam um acesso equitativo à educação de qualidade desde as fases iniciais até o ensino superior; criar ou aumentar programas de bolsas e incentivos específicos para mulheres e negros; investir em programas de mentoria e capacitação para estudantes e pesquisadores pertencentes a grupos minoritários; implementar políticas de admissão e contratação que valorizem a diversidade, garantindo uma representação mais justa nos campos de pesquisa; promover a conscientização sobre a importância da igualdade étnico-racial na pesquisa e no ensino superior, bem como oferecer treinamento sobre viés inconsciente, pode ajudar a eliminar preconceitos e estereótipos.

É importante ressaltar que a igualdade de oportunidades não significa necessariamente uma distribuição igualitária de recursos, mas sim um ambiente em que talentos e habilidades individuais possam florescer independentemente de gênero e raça. Portanto, o investimento em preparo de melhores pesquisadores e estudantes é um componente essencial desse processo de promoção da igualdade. É uma abordagem que busca eliminar barreiras e criar condições para que todos os talentos possam prosperar.

Os periódicos também têm a capacidade de contribuir para a inclusão de diversas maneiras. Isso pode ser alcançado através de um compromisso em amplificar as pesquisas realizadas por autores pertencentes a grupos minoritários e em melhorar a diversidade de seus conselhos consultivos e revisores. Além disso, a alocação de espaço em cada edição para artigos que abordam questões de gênero e raça desempenha um papel fundamental, destacando a relevância desses temas e incentivando outros pesquisadores a explorá-los.

Facilitar o acesso aberto aos artigos e reduzir ou eliminar as taxas de publicação pode eliminar barreiras financeiras que afetam de maneira desigual os pesquisadores pertencentes a grupos minoritários. Os periódicos também podem estabelecer parcerias com organizações e redes de pesquisa que se concentram nas áreas de gênero e etnia, promovendo, assim, a colaboração e aumentando a visibilidade desses temas. Adicionalmente, podem desempenhar um papel importante na conscientização e educação sobre questões de gênero e etnia, utilizando editoriais, entrevistas com pesquisadores renomados e artigos de opinião como ferramentas para promover o debate e a compreensão.

#### **4 CONSIDERAÇÕES FINAIS**

Em síntese, há necessidade premente de promover a igualdade de gênero e raça na pesquisa científica, reconhecendo que a ciência é um motor essencial para o progresso da sociedade. A sub-representação de mulheres e grupos raciais minoritários na ciência, juntamente com preconceitos de gênero e discriminações implícitas, são desafios críticos que minam a integridade da pesquisa e impedem o pleno desenvolvimento de talentos diversos. Para efetuar mudanças significativas, medidas concretas, como



políticas de inclusão, conscientização e sensibilização, são necessárias tanto nas instituições acadêmicas quanto nos periódicos científicos.

Para que a pesquisa científica seja verdadeiramente representativa e justa, é fundamental que todas as vozes sejam ouvidas e valorizadas. A ciência deve ser um espaço aberto, inclusivo e igualitário, capaz de contribuir para uma sociedade mais equitativa e justa. A reflexão contínua sobre gênero e raça na pesquisa científica é essencial para a construção de um futuro mais igualitário e para o avanço do conhecimento científico.



## REFERÊNCIAS

BARBOSA, Lícia M. L.; JESUS, Gabriela C.; SOUZA, Dagmar P. L. Raça, gênero, sexualidades e produção do conhecimento. Revista Multidisciplinar do Núcleo de Pesquisa e Extensão (RevNUPE), v. 1, n. 1, 2021.

FERNANDES, M. A participação das mulheres na ciência: cenário atual e possibilidades. PUC-PR, 2022. Disponível em: <https://ead.pucpr.br/blog/mulheres-na-ciencia>. Acesso em: 11 jul. 2024.

FREITAS, Patricia F. L. N. A.; SOUZA, Angela M. F. L. Articulando ciência, gênero e raça/etnia na educação profissional e tecnológica. Cadernos de Gênero e Tecnologia, Curitiba, v. 14, n. 43, p. 247-262, jan./jun. 2021.

LOPES, B. Desigualdade na ciência e a realidade das cientistas brasileiras. Revista Blog do Profissão Biotec, v. 10, 2023. Disponível em: <https://profissaobiotec.com.br/desigualdade-ciencia-realidade-cientistas-brasileiras>. Acesso em: 10 jul. 2024.

NOBLES, Melissa; WOMACK, Chad; WONKAM, Ambroise; WATHUTI, Elizabeth. Ending racism is key to better science: a message from Nature's guest editors. Nature, v. 610, out. 2022. Disponível em: <https://www.nature.com/nature/volumes/610/issues/7932>. Acesso em: [data de acesso].

UNESCO. Decifrar o código: educação de meninas e mulheres em ciências, tecnologia, engenharia e matemática (STEM). Brasília: UNESCO, 2018. 84 p., il.